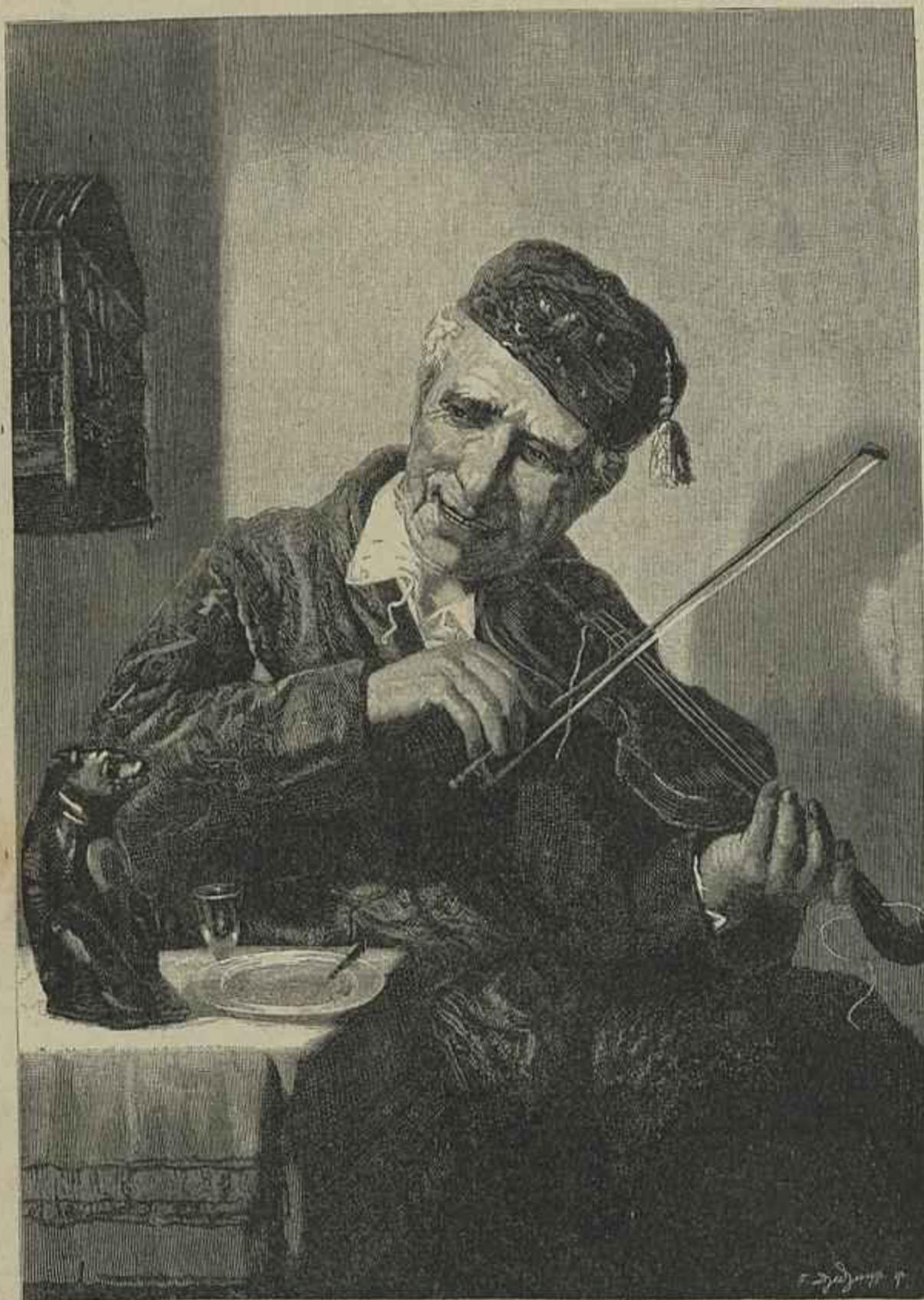


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 86 n.º	Semest 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 601	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	36800	16900	5950	4200	5 DE SETEMBRO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem....)	46000	25000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		



O MESTRE E O DISCIPULO



CHRONICA OCCIDENTAL

Um verdadeiro mez de festas, esse mez que passou, toiradas, feiras, cirios, romarias.

Por essas linhas comboios cheios de gente, por essas estradas carruagens atulhadas, carroças enfeitadas com buxo e flores, toda a qualidade de vehiculos, que só nos casos raros deixam os recantos escuros das cocheiras cheios de teins de aranha. Faluas embandeiradas, vapores com a borda toda n'agua carregados de festeiros, sahiram d'esses caes, atravessaram o Tejo. Gente a pé, em magotes, foi-se por esses campos, por essas ruas, por essas estradas. Muito sol, muito vinho, muita alegria. Foram as toiradas no Campo Pequeno, a feira de Belem, o cirio da Atalaia, a romaria ao Senhor da Serra. Não faltou n'esse verdadeiro mez de festa, n'esse mez que passou, com que se alegrasse o Tudo-Vae-Bem do *Sal e Pimenta*.

E tudo vae bem, que a alegria é a seude da alma.

Era vêr como se voltava de tudo isso, registos nos chapéus, cravos aos peitos, lume no olhar, ouvir os cantares, os discursos, os ditos; uns só bebados de vinho, outros só bebados de sol, a maior parte bebados de sol e de vinho.

N'uma carruagem de segunda classe, de volta de Bellas, um bom velhote de suissas brancas, cravo vermelho com os competentes versos na botocira:

— Vêem? Tenho nodos da vinho no collete branco. É coisa com que embirro. Que dizem? Que sou bebado. É tolice. Este é o vinho que não embebeda; o melhor é o que vae direito pelas goelas.

E por aquellas e por todas as dos que n'aquelle comboio berravam, cantavam, discursavam, choravam, philosophavam, se lamentavam, se zangavam, riem e se expandiam, haviam passado adegas, colheitas inteiras, n'aquelle dia, ultimo domingo d'agosto, dia famoso, dia de sol, dia de alegria.

Emquanto os comboios transportavam dez mil pessoas de Lisboa para Bellas, uma longa fila de carruagens, de carros, de diligencias, de carroças, seguia por aquella estrada de Bemfica fóra, os americanos apinhados arrastavam-se até alta noite pelo Aterro, pela Junqueira, caminho da feira de Belem; o Tejo coalhava-se de faluas, de barcos, de vapores transportando romeiros para a Atalaia.

Tudo Vae-Bem pôde continuar a cantar.

Despediu-se o mez de agosto n'uma alegria, começou setembro.

Principiam os jornaes a andar cheios de noticias d'essas praias, umas modestas, ao pé de Lisboa, habitadas por negociantes, por empregados publicos, Pedroços, Algés, Cruz Quebrada até Paço d'Arcos; outras pacatas, dando pouco que falar, a Nazareth, a Ericeira, outros frequentadas pela alta sociedade, Cascaes, a Granja, Espinho. E é um nunca acabar de descrições de bailes, de pic-nics, de regatas, de concertos.

Vae findar o verão. Foram-se os divertimentos populares. Acabaram, ha muito, as noites da Praça da Figueira; acabam os cirios, as romarias; vão acabar as feiras e as toiradas. Chegou a vez aos burguezes ricos. Columnas e columnas de jornaes trazem a lista das senhoras e dos cavalheiros que tomaram parte nos cotillions finaes d'essas festas, que a todos deixaram saudosos, phrase sacramental em que sempre se esquece o pianista, o hode expiatorio de todos os maus valistas e que passa ás vezes noites horriveis com o olho muito terno... nas toiradas.

Diverte os outros, coitado! Em que pensará elle, ás vezes, emquanto os outros se divertem? Quanta vez uma valsa alegre lhe acompanhará os pensamentos da sua miseria? Passam os pares correndo felizes por defronte d'elle, grita um pateta com toda a força dos pulmões para animar: — *Grand rond! Les dames au milieu!* E os dedos já batem por si nas teclas e elle, ás vezes... não pensa em nada.

Tempos alegres para muitos.

A quantas foi o mar cantando a sua canção eterna nas areias da praia o primeiro a segredar madrigaes, mais bellos do que nunca lhes souberam aos ouvidos castos murmurar os labios frescos do par d'uma valsa! Uma grande saudade lhes ha de ficar de tudo isso. Foi o mar quem lhes deu os primeiros sonhos, as azas para os pensamentos erradios, foi elle com os seus can-

tos, os seus pharões, as brisas perfumadas, a fosforescencia das suas ondas, a levandade do seu caracter.

Estamos a bater no outomno. Já as lindas estrellas tão conhecidas do ceo de inverno começam a surgir alta noite no horizonte. Já Sirius vem, com os seus clarões sem rival no ceo, alumiar as noites no estertor. Vão diminuindo os dias. Não tardará muito, começarão a cair as folhas, os choupos hão de doirar-se, as tardes hão de encher-se de melancholias. Nus longas aléas, sobre o tapete rumorejante o elegiaco Millevoye cantará *la chute des feuilles*. As côres do mar, menos vivas, serão mais bellas, as ondas frias d'um azul mais pallido, os poentes d'ouro mais baço.

Em breve aquellas ondas hão de encapellar-se, os nevoeiros hão de descer sobre ellas. E elle, que hoje canta tão docemente, ha de rugir então.

O par, com quem hontem dançaste, tambem te disse ao ouvido coisas lindas, que te fizeram corar e bater mais apressado o coração. Comparou-te ás flores, ás estrellas, gabou-te o teu perfume, disse te que eras a vida d'elle, alma da sua alma. Inverno! Inverno! No mar, sim, pôdes confiar; pôde o inverno altear-lhe as ondas, pode a nuvem negra descer sobre elle, que, um dia, o azul ha de tornar, as ondas, cantando uma linda canção, hão de voltar a beijar-te os pés, quando fôres, medrosa e friorenta, apalpar as aguas, as aguas hão de cingir-te com o mesmo carinho quando n'ellas entrares feliz, alegre e confiada.

Inverno! Inverno! Que te dirá então o par com quem hontem dançaste?

Tout passe, tout casse, tout lasse.

E então, cheia de saudades, has de recordar-te d'essas tardes à beira-mar, do sol que ia descendo, do bando das gaiotas brancas, tão brancas como a tua alma. Piscavam os pharões ao longe, como olhos de quem ri, tinham clarões intenos, seguidos de trevas, e a brisa soprava perfumada pelas plantas que crescem nas rochas negras. Nasria a lua, prateava o mar; branquejavam velas na tremulina. E o mar cantava.

Já um primeiro perfume de outomno nos vem recordar o inverno.

Começa a falar-se de theatros, de repertorios, de companhias. Alguns actores, que haviam partido em excursão pelas provincias, voltaram a Lisboa.

Chegaram, ha poucos dias, Virginia e a companhia por ella organizada que deu os seus ultimos espectaculos em Lisboa, no theatro da Rua dos Condes, depois de haver percorrido Santarem, onde se estreou, Torres Novas, a terra natal de Virginia, onde a talentosa artista foi recebida com extraordinarias ovações, o Porto, onde a festa artistica da primeira actriz foi das mais espontaneas e gloriosas. Braga, Guimarães, Vianna, Povoa de Varzim e Figueira da Foz, onde sempre a acompanharam fortuna e glorias. Foram felizes, como mereciam, e como aqui mesmo lhes haviamos predito.

O theatro de D. Maria abrirá as suas portas em outubro. Poucas modificações na companhia. A menos a actriz Maria Falcão e o actor Joaquim Costa; a mais o actor Luiz Pinto, cuja estreita o anno passado no theatro da Rua dos Condes tanta impressão causou no mundo theatral, e a actriz Augusta Bresd'ind, que, tendo andado em viagem, esteve durante um anno ausente do palco de D. Maria. Como repertorio annuncia-se, por ora, *Henri III et sa cour*, de Alexandre Dumas, pae, e *L'Ami des Femmes*, de Dumas, filho, e *A Honra de Sudderman*. Será tambem representada, traduzida por Jayme de Séguier, *La Mégère apprivoisée*, arreglo francez d'uma peça de Shakespeare.

No theatro da Rua dos Condes funcionará a companhia organizada por Lucinda Simões, da qual fazem parte os actores Carlos Posser e Christiano de Sousa. Levam a scena, segundo se diz, a *Madame Sans-Gêne*.

Más noticias do Gymnasio. Diz-se que o Valle sae da companhia. Serjam duas perdas notaveis, uma para o Gymnasio, outra para o Valle.

Em fins de setembro estará de volta em Lisboa a companhia do Taveira e pouco depois a da Trindade.

As enchentes têm-se succedido no theatro Apollo do Rio de Janeiro sendo a media das recitas muito superior a dois contos. Não é para admirar que seja assim, visto que, raras vezes tem ido ao Rio de Janeiro companhia portugueza tão regularmente organizada. Affonso Taveira é um magnifico ensaidor de operetta e Cyríaco de Cardoso inquestionavelmente uma das primeiras organizações artisticas de Portugal. O beneficio do nosso querido maestro com o *Solar dos Barrigas* e o de José Ricardo com os *Sinos de Corneville* foram noites memoraveis.

Agradou muitissimo o *Sal e Pimenta* que Sousa

Bastos levou á scena com a companhia da Trindade. Assim era de prever. A peça convenientemente modificada para poder ser representada ante um publico de estrangeiros deveria ter no Brazil a mesma entusiastica recepção que sempre obteve do publico de Lisboa.

Eduardo Schwalback está transformando a *Anastacia & C.* em opera comica. Disse-se por ali que elle havia convidado o conselheiro Napoleão para lhe fazer os versos. E' falso. Os versos são do proprio auctor da comedia, que os faz primorosamente, quando quer. Schwalback cujo feitio interessante e intelligencia superior lhe têm grandegado no Rio de Janeiro as maiores sympathias, terá com certeza uma esplendida noite de festa, como merece.

O theatro do Principe Real, explorado por conta de Sousa Bastos, abriu as suas portas annunciando um drama original portuguez, cujo auctor, um conhecido socialista, gosa fama de intelligencia superior. Convidado, amavelmente, para a leitura d'esta peça e, por motivos de força maior, não tendo podido acceder ao convite, fomos informado de que é um drama de combate excellentemente urdido, calorosamente escripto e destinado a grande exito.

Agradecendo ao sr. Ernesto da Silva a honra do seu convite, esperamos ter em breve o prazer de o applaudir pela energia do seu talento e sinceridade de suas sympathicas opinões.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

O MESTRE E O DISCIPULO

E todavia do presente quadro não podemos dizer: «Tal mestre tal discipulo».

Não senhor!

O pobre do mono está alli contra vontade, lembrando-se talvez das louras bananas que comia lá no sertão. O bom do risonho do velhote está alli muito bem em sua casa e por sua vontade. E com tudo é mono quem ha de dançar, e exhibir outras gracinhas em que está indusriado.

Em épocas passadas, decerto que o leitor lisboeta se recorda d'isso, os monos e os realejos, que então abundavam, constituiram um agradável divertimento, predilecto da gente miuda e tambem ás vezes da grande. Subia-nos o macaquito á sacada da janella, davamos-lhes nós um fructo e quando o quadromano descascava com os dentes avidamente, o fructo seguro nas duas mãos, era uma alegria a que a pouca idade permitia franca explosão em argentinhas gargalhadas.

Pois, tudo isto nos recordou o quadro que illustra a nossa primeira pagina. E' o ensaio do mono que atreganha o dente pouco resolvido a bailar. Mas lá virá a hordoadá de cada dia que o fará guinchar, e desenvolver todas as suas habilidades: beber, comer, etc.

O CORONEL HENRIQUE DE CARVALHO

GOVERNADOR DO NOVO DISTRICTO DA LUNDA

Um decreto de 13 de julho do corrente anno criou o novo districto da Lunda na Africa Occidental.

A Lunda é um grande paiz africano cuja extensão se pôde calcular superior à de Portugal e Hespanha, cortado por grande numero de rios afluentes do Zaire, confinando a O. com a provincia de Angola, ao S. com o paiz de Labale, a E. com os sertões da Garanganja e ao N. com o chamado Estado Livre do Congo.

Em 1884 organizou em Lisboa uma expedição scientifica o então major sr. Henrique de Carvalho, que partiu para a Lunda ou paiz do Muatanyua, por conta do governo portuguez.

O então major sr. Henrique de Carvalho escreveu e publicou tres ou quatro grossos volumes descrevendo e estudando todas as raças que vivem no Muatanyua, usos e costumes dos seus habitantes, chorographia, forma de se governarem, politica e historia, acrescentando a estes conhecimentos, indicações proveitosas sobre o commercio e relações a estabelecer com estes povos sujeitos á soberania de Portugal, que a expedição melhor garantiu e consolidou, graças á maneira

trõe, não tivesse deixado chegar até os nossos dias o rarissimo opusculo, que, para bem dos seus conterraneos, elle fez imprimir.

Eram continuadas durante a idade media e seculo xvi as epidemias. A hygiene era quasi desconhecida, por isso os cuidados que ella recommenda eram poucos. Os proprios habitos de limpeza e aseo, eram, em geral considerados mais como emprego da ociosidade, do que como necessidades impreteriveis. Por isso não raro, em occasões de cercos e outras circumstancias angustiosas, varias pessoas — e até damas — faziam votos de não mudar de roupa, ou de se não lavarem, até o perigo passar!

Um dos maiores recursos da medicina de então, — e que chegou ainda até proximo aos nossos dias — era a phlebotomia. Logo que havia febre o primeiro remedio era sangrar o doente. Isto encontra-se a cada passo, nas correspondencias particulares, e officias, conta-se nas relações de viagens, (veja-se o *Itinerario* do physico Mestre Affonso) e menciona-se em muitos decretos do tempo de D. José, D. Maria I e pelos quaes se mandam abonar ajudas de custo a empregados que estiveram doentes e foram mais do que uma vez sangrados. Resistiam essas robustas naturezas a um tratamento, tantas vezes contra-indicando, mas a verdade é que aquelles flagellos — que ainda hoje fazem tantas victimas, — deixavam então um rasto extensissimo, e exerciam a sua acção terrifica durante longos mezes, se não annos.

Fr. Luis de Ras, mestre em Santa Theologia, ministro dos irades menores e das religiosas de Santa Clara, tendo-lhe chegado ás mãos um opusculo, onde se consignavam conselhos e instrucções contra a peste, escripto pelo bispo Raminto, de Aruso, reino de Daria, entendeu dever trasladal-o em vulgar, para beneficio dos seus patricios, publicando-o sob o titulo de: *Regimento proveitoso contra a pestenença* cuja descripção se pôde ver no *Diccionario Bibliographico portuguez*.

D'esta raridade bibliographica, do principio do seculo xvi, ou fins do xv, impressa por Valentim de Moravia, ou Valentim Fernandes, o distincto impressor do *Cancioneiro Geral* da Garcia de Resende e de tantas outras obras conhecidas, — existe o unico exemplar de que ha noticia na rica *Bibliotheca d'Evora*, onde se encontra em logar reservado, perfeitamente guardado, conservado e exposto ás vistas do visitante em uma das *vitruines* da sala que serve de Museu.

Se, porém, o opusculo é rarissimo, não são aenos escassas as noticias do seu prestante auctor, ou traductor, limitando-se os nossos bibliographos, segundo parece, a copiar as indicações biographi-

cas que lhe são relativas, do que consta do rosto do referido opusculo, accrescentando apenas, que ainda vivia no principio do seculo xvi.

E é verdade. No decurso das minhas investigações historicas, tive a fortuna de se me deparar uma carta do venerando franciscano, que, confir-

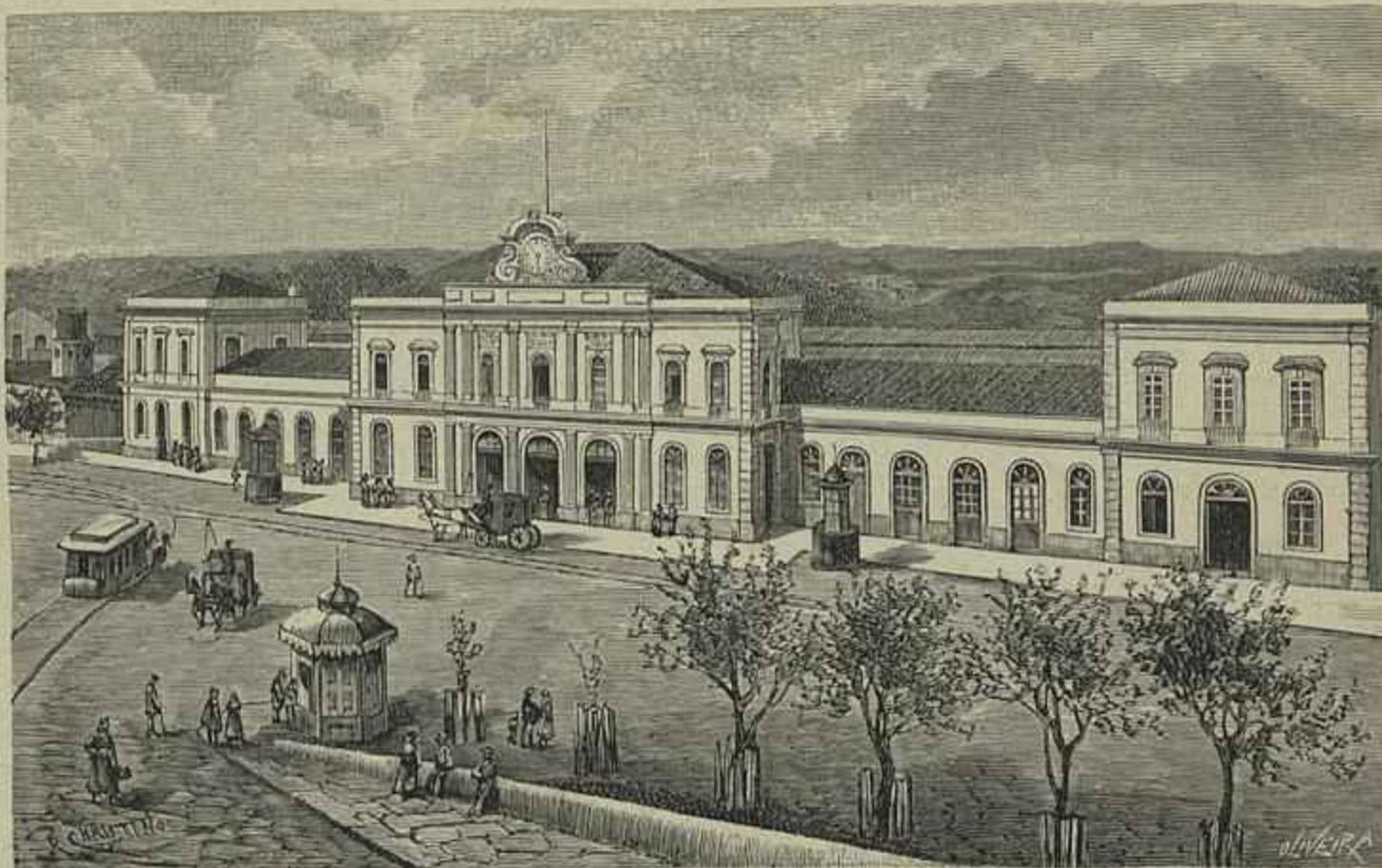
mando aquelle facto, nos fornece uma data positiva — o primeiro de outubro de 1500 — e nos assigna o logar da sua residencia, então, no *Convento de S. Francisco da Cidade d'Evora*. E' pois provavel que n'esta cidade elle terminasse os seus dias.

Possuiam as freiras de [Santa Clara de Beja,



CORONEL HENRIQUE DE CARVALHO — GOVERNADOR NO DISTRICTO DA LUNDA

(Copia de uma photographia)



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — A ESTAÇÃO DE CAMPANHÁ

(Copia de uma photographia do sr. E. Biel)



HESPAÑA—COSTUMES DE OVIEDO

não longe da cidade, uma villa ou quinta chamada Albergaria. Sendo uma propriedade rural, contingente seria o seu producto; occorreu pois, a D. Alvaro, filho do segundo duque de Bragança e a sua mulher D. Filippa de Mello o desejo de augmentar o rendimento d'aquellas religiosas. Propozeram-lhes a permutação da tal villa por outros bens. Para esse fim tornava-se mister obter varias auctorisações, entre as quaes a do respectivo ministro, que era então frei Luis de Ras: eis a origem da carta. Posto que versando sobre assumpto temporal, recommenda-se ella pela singeleza e na-

turalidade do estillo, revelando, na sua phrase corrente, a bondade da alma do benevolo religioso.

Eis pois a carta:

«Muito amada em Jesus Christo dona Violante de Moura, abadesa de Santa Crava de Beja, Luis de Ras, ministro dos frades meores (menores) e das freiras de Santa Crava em estes Regnos de Portugal, vos envio a bençam de deos e a minha. Porquanto em as cousas (que) juridicamente pertencem á religião e a seu acrecentamento eu devo de entender, nom somente promovendo-as de bem em melhor, mas ainda dando autoridade e consentimento e confirmando to-

do o bom e honesto contrauto proveitoso, que em acrecentamento e proveito da ordem e bem dos religiosos e religiosas se fizer; e porque esta casa e mosteiro de nossa Madre Santa Crava tem uma villa chamada Albergaria nam muito longe da villa e termo de Beja, da qual em cada um anno recebem alguma renda incerta, porque é segundo Nosso Senhor despoe as novidades em cada um anno; e agora o Senhor D. Alvaro movido em caridade tem desejo e vontade de acrescentar á renda da dita villa d'Albergaria por via de contrauto e permutaçam pera maior proveito e sustentamento da casa e religiosas que nella vi-

rem, vindo eu seu santo propósito e desejo: per esta presente dou a vos dona abbadessa toda minha auctoridade e poder, tanta quanto de mim em este caso é necessaria, e todo o que vos em este caso é contratado fizerdes, eu o hei por firme, estavel e confirmado para sempre, havendo sempre respeito ao recurso que necessario é do Santo padre, para dispensar com a vontade e ordenação do testador, e em confirmação de todo o dito contrato, que com o dito senhor fizerdes, mandei fazer esta carta e assynei por minha mão e mandei assellar com o sello de meu officio, feita em Sam Francisco d'Evora, primeiro dia d'outubro da era de quinhentos.»

Em virtude d'esta auctorização realisou-se o contracto da permuta entre as freiras e D. Alvaro, o qual foi depois confirmado pelo poder real em 14 de março de 1570. E' da carta de confirmação que se encontra no Liv. 3.º das Doações de D. João 3.º a l. 158 v.º, que extrahi a de fr. Luis de Ras, como um pequenino traço para a sua biographia.

E' bem que se diga que eram então religiosas do mosteiro de Santa Clara de Beja, e intervieram no contracto, as seguintes mães: D. Violante de Moura, abadesa, Meia Coutinha, sua irmã, Violante Rodrigues, Beatriz Rodrigues, Leonor Barradas, Maria de Souza, Catharina Vaz, Beatriz Fernandes, Filippa Duarte (?) Branca Mendes Cerveira, Ignez Ribeiro, D. Leonor de Berredo, Mor Gomes, Meia de Faria, Maria da Gama, Guiomar Ferreira, D. Maria e D. Leonor, sua irmã, D. Isabel Coutinho, Ignez da Fonseca, Clara de Brito, Ignez d'Andrade, Guiomar da Fonseca, Beatriz Penteada, Filippa de Sousa, Catharina Gomes, Beatriz Salema, Catharina Mendes e outras.

O leitor reconhecerá entre essas esquecidas religiosas muitos apelidos illustres, não só do Alentejo, mas do reino, e que ennobrecem os annaes da nossa historia.

Jacinto Peres.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 600)

XVI

OS LIVROS DO CONVENTO DOS PAULISTAS

Na casa do despacho da irmandade de Nossa Senhora da Conceição, na freguezia de Santa Catharina, de Lisboa, guardam-se actualmente os livros do côro do antigo convento dos Paulistas.

São treze grandes manuscritos, de aspecto monumental, todos com solidas encadernações de madeira revestida de couro artisticamente lavrado e as capas protegidas por preços e cantos de metal e com alguns grossos fechos.

Por haverem permanecido por muito tempo na casa do orgão, na qual chovia, damnificaram-se bastante. Em todos os manuscritos ha as armas do mosteiro, as quaes constam de um braço timbrado com a corôa real o que indica protecção regia na sua fundação.

O escudo, é bipartido, e mostra á direita as armas portuguezas cujos castellos tem entre si a começar dos superiores, nos intervallos respectivamente, as letras P. A. N. D.

Á esquerda vêem-se as armas proprias da ordem: uma palmeira verde tendo sobre ella o côro preto em cujo bico está um pão: junto ao caule da palmeira ha dois leões rompantes, de ouro.

Alludem estas peças, a ter sido S. Paulo um dos padres eremitas do deserto, a ter-se alimentado com o pão que lhe trazia um côro e abrigar-se junto de uma palmeira.

Diz mais a lenda que a S. Paulo se reunira Santo Hilario, e que o côro começou trazendo ração dobrada, isto é, dois pães. Entretanto fallecia S. Paulo; e Santo Hilario viu-se só, sem poder enterrar o seu companheiro. Apareceram então dois leões, os quaes com as patas abriram uma cova em que Santo Hilario deitou o corpo de S. Paulo.

Da ponta inferior do escudo cahe uma vieira, a qual em outros manuscritos não apparece, do que resulta uma certa differenciação.

Segundo o que podemos vêr a maioria dos manuscritos foram feitos pelo irmão José da Encarnação, o qual, n'esses livros, evidencia não só uma certa pericia calligraphica como tambem um fino gosto artistico, por vezes delicado, nas illuminuras que os enriquecem.

Commune apostolorum introitos.

Tem este manuscrito 94 folios de formato maximo cobertos de grossos caracteres e notas de canto chão.

No frontespicio, que é enriquecido com uma

tarja ornamentada que o emoldura, lê-se o seguinte:

«Este livro m'idou fazer O. M. R. P. pregador E Reitor deste convento F. Estacio de Sancta Catharina, na era de, 1694.»

As palavras que sublinhamos mostram-se apagadas propositalmente e só com muita difficuldade as pudemos lêr.

A tarja illuminada, não é despida de arte e os seus ornatos tem tal ou qual elegancia.

O dístico acima está escripto n'uma couraça horizontal, na parte inferior da pagina a qual é encimada com o braço da ordem.

Hymni sacri breviarii romani Ulyssipone MDCCI
Grossoiro manuscrito, do principio do seculo xviii, como se vê. Tem 124 folias de pergaminho maximo. Na pagina 94 ha uma tarja ornamentada, polycolorida, no estylo raphaelesco, porém de desenho descuidado.

No fim lê-se: «*Ex officina Monasterii ossæ. Anno 1701.*»

Por aqui se prova ter sido executado no mosteiro da Serra d'Ossa, o que não admira, pois que pertencia á mesma ordem.

Officium in sabbato sancto ad matinas.

Este manuscrito apresenta a data de 1734 e tem oitenta folios de pergaminho maximo.

As tarjas que o ornamentam, são a preto, e o desenho d'ellas, por igual e delicado, parece ser feito a estampilha. Os caracteres italicos, as notas bem lançadas em cinco linhas e as capitales illuminadas simplesmente, tornam este livro agradável e desprezencioso.

Hymnos e antiphonas.

Este manuscrito contem os hymnos ao anjo Gabriel, e anjo Custodio, tem 281 paginas.

As tarjas accusam factura por meio de estampilha, semelhante ás do antecedente.

Em tudo o mais é este livro identico aos anteriores.

Livro de canto chão. Contem desde o Advento até á Transfiguração.

Na pagina 227, o S inicial tem uma miniatura apenas esboçada e que devia representar os Pentecostes. As figurinhas estão apenas indicadas.

In festo corporis Christi. Livro de formato maximo, com 144 folios de grosso pergaminho. No frontespicio tem as armas da ordem, acima já descriptas, com a differença do escudo ser oval.

As duas primeiras figuras são emolduradas com delicados ornatos vermelhos sobre azul-claro.

O S inicial é muito ornamentado, em fundo de ouro, e matizado de côr de rosa e verde. Todas as capitales são bem illuminadas.

Um Livro, que tem as festas desde a Paschoa até aos Pentecostes.

É mal paginado. Está dividido; a primeira parte tem cincoenta folias. Na segunda ha intervallos de 81 paginas. Parece ser uma junção de diversos livros, e de varias partes d'elles.

Officium ferie quinta. MDCCXXXIV.

Este livro começa por um S illuminado, sobre ouro, e tem tarjas semelhantes ás dos outros manuscritos.

Foi feito n'um anno, segundo as datas que se lêem, ao principio e no fim.

É todavia, mais grosseiro que os restantes.

Dominica Resurrectionis. Contem 38 paginas, sendo toscamente ornamentadas a ouro as duas primeiras. E' do seculo xvii.

Conceição de Maria. Tem 07 folios de forte pergaminho, já bastante damnificado.

Na primeira pagina, vêem-se na tarja varias allegorias e symbolos, sendo o mais interessante o de um poço entre uma palmeira e um cypreste.

Livro de Hymnos. Nas duas primeiras paginas ha tarjas com flores e aves, sobresahindo n'estas a cegonha.

O S inicial circumscreve uma paisagem em que se vê uma palmeira e dois leões sobre fundo dourado. É deveras gracioso.

Tem este livro um appendice: *Missa solennitate sanctissimi patris nostris Pauli, primi eremita.*

Esta missa foi concedida por Benedicto XIV no anno de 1758. O appendice tem doze folios, e foi escripto no mez de janeiro de 1761 por fr. José da Encarnação que decerto tambem o illuminou como se vê:

«*Fr. Joseph ab Incarnatione fecit, mense Januarij ann Dni 1761.*»

Officium ferie sextæ in Parasceve ad matutinum.

Consta de 102 folios de pergaminho maximo. O frontespicio tem uma tarja preta igual ás de outros livros. As duas primeiras paginas do texto são envolvidas com tarjas ornamentadas a claro-escuro azul sobre ouro.

As letras capitales bastante ornamentadas são seguidas de magnifica letra romana, muito bem lançada.

Officia propria in festis pentecostes et sanctissimi trinitatis

E' importante pela indicação que nos dá, acerca do calligrapho e illuminador, n'estas suas linhas:

In officina hujus conventus S. Sacramenti a Frat. Josepho ab Incarnatione. Ulyssipone anno Domini. MDCCXXXVIII. Quanto ás illuminuras está em circumstancias identicas aos anteriores livros.

(Continúa.)

Esteves Pereira.

SÉ DE LISBOA

(Continuado do numero anterior)

Na cathedral lisbonense do seculo xiii, ensinava-se, como n'uma univer-idade sinha rudimentar, o lêr, o canto, e a grammatica. E não se julgue que fosse pouco: os grammaticos da antiguidade eram homens abalisados; foi a grammatica uma especie da nossa instrucção secundaria: tinha logica, rethorica, historia, latim, etc.

Aqui pois, por estes claustros, tão outros, por estas portas, tão mudadas, andou aquelle estudantinho meio mystico, meio enlevado sempre nos assumptos do céu, e sempre alheio, por indole, e já por virtude, aos assumptos da terra.

Uma vez... (assim conversando eis-nos á porta da torre do sul, que dá tambem para o côro; subiamos; temos que vêr). Uma vez (diz a tradição, ou antes lenda; lenda veneranda, que é forçoso conservar) ia o mancebo a subir esta mesma escada; appareceu-lhe o tentador em figura de uma formosa rapariga. E que fez elle? riscou com o dedo uma cruz na parede da torre, e cheio de fé afugentou o diabo. *Apaga!*

Lá está cavada a cruz symbolica. Um devoto mandou doirar a pedra, de modo que se vê a cruz em escuro sobre fundo de ouro; e para mais resguardo pôz-se lhe um vidro com moldura. Como esse bocadinho de escada é estreito, mal allumiado de uma setteira, costumam em junho os meninos do côro, collegas de Fernandinho de Bulhões, fazer uma festa no altar de Sancta Maria Maior, segundo as posses do mealheiro, que se conserva todo o anno, de bocca aberta, na espectativa.

Oxalá se conservassem tambem todas estas lendas tão suaves! Não fazem mal a ninguem, não se atravessam nos progressos do seculo, e perfumam o coração com uma suavidade deliciosa.

Um dos costumes que vão a desaparecer é o culto dos rapazes pela rua ao grande Sancto seu patricio. Vou descrevel-o, para quem d'aqui a cem annos o quizer estudar.

Todos os garotetes da cidade levam de seu brio festejar este culto nacional. Como o dinheiro não abunda, soccorrem-se á generosidade dos transeuntes. Não ha esquina, quasi não ha quarteirão, principalmente nos bairros proletarios (nunca soube etymologia mais acertada que a da palavra *proletario*), onde se não erga, ou no chão, ou em cima de uma cadeira velha coberta de um retalho de chita, o throno do Sancto, com os seus castiçesinhos de chumbo, a sua cruz, os seus malmequeres, maravilhas, e rosas, e a imagem, em cima, debaixo de um baldaquino de papel dourado; classica imagem de barro, que se vende a vintem nas capellistas, vestida de borel agalado de ouro com um ar beatifico e infantil, cruz na mão direita e um menino Jesus n'uminho a sorrir ao collo do franciscano.

Quem é a alma perversa, que recuse um cobre aos pequentos da rua que andam a mendigar para a cêra de Sancto Antonio? quem é o voltaireano blindado de aço, que não proteja com cinco réis aquelle culto innocente de meiguice e amor? E depois ficam tão contentes com qualquer ceitil! Bem dizia D. Francisco Manuel: *um grão de arroz será zombaria para um elephante, mas é morgado para uma formiga.*

O caso é que ao apparecerem os thronos pela rua, ahí em fins de maio, vêem se ermos de castiçes, e o templosinho portatil parece moiro, e tra-

* D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccl. da egreja de Lisboa*, part. II, cap. xxxiii.

tado de mãos de hereges; poucos dias andados, já os castiçais chumbam de cera; no dia 13 é para ver como as espadanas, folhas de rosa, o alecrim, o buxo, e a manjerona, alastram o chão areado, e como a face rubicunda do asceta peninsular já rutila gratidão aos clarões de doze ou quinze fachoços pequeninos enlaidrados pelos degraus do throno.

Demolem tudol e no seu odio ao culto, até os editaes e os policias civis já teem perseguido, sob algumas administrações, os thronos mais populares que nunca houve: os de Sancto Antonio! . . .

Ora agora um caso ainda, e será por em quanto o ultimo.

Todos sabem o que foi, e o que é, o palacio principesco do sr. Cook (visconde de Monserrate) em Monserrate, junto a Cintra: um paraizo verde, onde se esmerou a natureza, onde a arte se esmera cada dia, e onde para nada faltar, ás opulencias verdadeiramente reaes da residencia veem juntar-se as tradições. Tudo conspira para fazer de Monserrate uma vivenda rara (talvez unica) em Portugal, graças á intelligente perseverança, com que a mão poderosa do actual senhor se desvela em ir reunindo com desusada bizarrria primores sobre primores.

Alli passa o visconde alguns mezes do anno, quando quer descançar das brumas da velha Londres, quando quer respirar o ar puro da serra, e aquecer o cerebro á luz do sol peninsular.

Haverá uns quatro annos, estava elle uma vez a ler o *Times*, descançadamente, depois do almoço, curando talvez menos da politica de Salisbury do que das suas queridas archeologias, e farejando na quarta pagina algum annuncio de antiguidades, senão quando entre os dos bazares de velharias se lhe deparou um, que dizia pouco mais ou menos: n'uma lista de objectos raros de não sei que *bric-a-brac* de Londres.

VENDE-SE UMA ESTATUETA, QUE PARECE REPRESENTAR UM CARDEAL COM UM MENINO AO COLLO.

Um cardeal! *cardeal com o menino ao collo!* é singular. O sr. visconde viu o que o redactor do annuncio não soubera ver, e a verdade saiu nua e luminosa de dentro d'aquellas palavras. Habitado a viver em Portugal, a presenciar o culto que tributamos ao grande Sancto portuguez, a observar a iconographia do thaumaturgo, muita vez vestido de menino do côro, com os seus habitos talares, e a sua *berrela* quasi cardinalicia, e sempre ajojado com o menino Jesus no braço esquerdo, sentiu logo o sr. Cook n'aquella descripção fugitiva apparecer-lhe nada menos que o nosso bom lisboeta Sancto Antonio.

É elle; não ha duvida; e movido de um d'estes presentimentos que se não explicam, chamou o seu creado particular, e avisou-o socegradamente de que n'essa tarde partiam para Londres.

O creado inclinou se, e foi dar ordem ás malas, e prevenir o cocheiro O leitor continuou com a sua fleugma ingleza a correr as columnas do *Times*, com toda a attenção, sem mais abalo.

N'essa tarde rodava para Sancta Apollonia, toma logar para Madrid, d'ahi para Paris, d'ahi para Calais, d'ahi para Dover, d'ahi para Londres. Na estação de Black-Friars esperava o a sua carruagem, avisada pelo telegrapho. O viajante deu ao *groom* a indicação do armazem do ferro-velho, e minutos depois apeava-se-lhe á porta.

(Continúa.)

Julio de Castilho.

UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

IV

(Continuado do n.º 600)

Seria completamente deslocado aqui tudo quanto deixamos dito sobre a morte do marquez, se n'este lance não nos apparecesse de novo, e, como da primeira vez, tragicamente, o nosso heroe. Não é na correspondencia do infante, não é na historia official, que o encontramos, é n'um livro de memorias contemporaneas, — um preciosissimo repositório de informações, d'um alto valor para a elucidação dos factos mais importantes dos reinados dos dois filhos de D. João IV, tão proximos no sangue, tão semelhantes nos costumes, porém, por defeito da natureza, tão desiguales na fortuna, que se sentaram ambos no mesmo throno, tiveram a mesma mulher — sendo ambos vivos — e terminaram a quasi tragedia da sua vida, morrendo

um na sua camara regia, rodeado da sua côrte, legando uma corôa aos seus herdeiros, expirando o outro entre os ferros d'uma prisão, cercado de sentinellas, deixando apenas a memoria d'um rei e d'um homem, que perdera a corda e a mulher e, que do miserando naufragio não salvara nem a propria liberdade!

Tem um titulo singular estas *Memorias* — chamou-as o seu auctor, com uma intenção critica bem manifesta — *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, titulo que bem se ajusta á narrativa dos successos d'esses dois reinados. Contemporaneo dos acontecimentos, estava bem informado, tinha um espirito lucido, e, salvo os vicios litterarios da época, sabia escrever. Era um homem de boas letras. Basta vêr as primeiras linhas com que abre o livro; ahí diz elle: «Não são diferentes as edades, porque as alterem os tempos; são diferentes as edades, porque as deseguala a fortuna.» Caracteristicas estas phrases, reflectem a época, e determinam a feição do seu estylo.

Já vimos como D. Pedro narrou o caso, Oçamos agora Fr. Alexandre da Paixão, ou quem quer que foi auctor da famosa chronica.

«Em 7 (de dezembro) vespera de Nossa Senhora da Conceição, succedeu um desastrado caso com circumstancias de mysterio, — assim principia elle a historia. Cantavam-se na Capella Real as matinas de Nossa Senhora, como era uso tambem para as do Natal, ás sete horas da noite. Na sua tribuna assistia Sua Alteza o Regente e o melhor da sua côrte, e na da esquerda estavam o marquez de Sande, os condes da Torre e de Villar Maior, D. Francisco de Lima, e outros fidalgos.

Não era n'estes senhores tão fundo e preponderante o sentimento religioso, que os alheiasse das mundanidades da sua vida, porque deram em discutir os acontecimentos profanos do tempo, em que uns tinham figurado, e que outros apreciavam como lhes dictava a razão dos seus interesses, ou a paixão politica dos bandos, em que andavam alistados. Vieram a falar da entrega de Tanger, em Africa, e de Bombaim, na India, aos inglezes; disseram alguns d'estes fidalgos que «fôra coisa muito mal feita, tanto porque a rainha-mãe, D. Luiza de Gusmão, o não podia fazer, que era tutora, e não senhora do reino, quanto porque se deram a herejes em grande offensa de Deus.» E é occasião de nós dizermos que ahí o invocaram onde o offendiam.

O marquez de Sande, negociador do casamento da nossa infanta com Carlo II, de Inglaterra, que recebera aquellas duas praças no dote da sua noiva, é claro que defendeu o facto com as razões de conveniencia do casamento: «rejutaram as os de contrario parecer com a evidencia que, todos quantos entraram n'esta entrega, tinha Deus castigado, ou com mortes, ou com desgraças.» A estas razões, a estas allegações da intervenção divina, punindo os crimes de lesa patria, respondeu o marquez, dizendo: «que sendo elle dos principaes, que andaram n'este contracto, havia sido sua casa muito venturosa, e — supremo argumento n'aquella questão em que os factos eram as melhores provas — elle estava vivo.»

A discussão acabou com as matinas, e os que a ellas assistiam retiraram-se, mettendo-se o marquez de Sande na liteira de D. Francisco de Lima.

«Chegando á cruz do adro de S. Domingos foram assaltados por quatro homens a cavallo e quatro de pé, que perguntaram aos lacaios de quem era a liteira. A resposta que de D. Francisco de Lima, seguiu-se o arremeterem logo com o marquez, que ia no logar de honra, e de nove estocadas o mataram sem confissão, ficando D. Francisco no logar deanteiro, sem lhe tocarem.»

Na carta do Regente figuram dois fidalgos com o intento de maltratarem a D. Francisco, e por engano, é que mataram o marquez com uma estocada!

«Conheceram-se entre os matadores creados de D. João de Castro. — cá está elle — voou a nova a palacio, sentiu Sua Alteza, e toda a côrte a morte do marquez grandemente, e com razão, porque não tinha Portugal, nem homem mais ajustado, nem mais bemquisto, nem mais noticioso, nem melhor afortunado nos negocios, nem mais conhecido dos principes da Europa» — isto diz o auctor das *Monstruosidades*; mas o que prova o grande ruido que este successo causou na côrte, á importancia do homem, e o seu valimento não sãc estes elogios que ahí se lhe fazem, é o procedimento energico e immediato das auctoridades, á ordem do Regente D. João de Castro era, porém, homem de recursos: surprehendido em casa pelas justicias, escapou-lhes, mettido debaixo do guardinfante de sua mulher!

Fariam os alguazils vista grossa? Pode ser que sim, que n'aquelle tempo os fidalgos eram outros tantos reis pequenos. Mas se o senhor se livrou,

no momento, dos ferros d'el-rei, não succedeu o mesmo aos servos, que fôram todos com algemas mettidos na enxovia.

D. João não matara, nem mandou matar, por conta propria; pediram-lhe os seus creados para aquella empreza, e elle, com animo desassombroso, e purissima e tranquilla consciencia, emprestou-os, como, na sua qualidade de bom catholico, os cedia para acompanharem Nosso Pae em visita a enfermos entrevados! Os creados, como uns assassinos vilões que eram, apertados e com receio dos tormentos, senão sentindo-lhes já a mordedura, confessaram tudo, e por elles se soube o nome do matador.

O mandante fôra o conde de Mesquitella. A scena da tribuna, na Capella Real, o dialogo acalorado a proposito de assumptos, que traziam então divididos e apaixonados os espiritos, e o assalto na Cruz do adro de S. Domingos, parecem, á primeira vista, dois actos da mesma tragedia, mas cremos que não nasceu do encontro nas matinas a idéa de matarem o marquez de Sande. Eram invejados a sua fortuna, as suas prosperidades, os seus triumphos diplomaticos e cortezaes? Eram, de facto — deviam sê-lo. Francisco de Mello, de conde da Ponte que era, acabava de ser elevado a marquez, e quem sabe quantos rebutes a regia munificencia dera, com esta mercê, á inveja e á ambição da nobreza, então ciosa dos seus direitos, arrogante e soberba com os serviços que prestara aos Braganças, desde a Restauração, e avida e insaciavel de mercês e honrarias! Não foi isso, porém, o que armou o braço dos assassinos. A quem aproveita o crime? diz a lei O marquez tratava então do seu casamento com a mãe do conde de Mesquitella, e este, que não o queria, consoante os costumes da época entendeu que o melhor modo de lhe obstar era matar-o. Effectivamente se não foi humano, foi logico: tirada a causa, cessa o effeito.

Eram então, e fôram o por muito tempo ainda, os palacios da nobreza, logares *contados*, seguro abrigo para os rufões criminosos, perseguidos, e fugidos ás justicias d'el-rei. Aqui, e em toda a parte — digamol-o de passagem. O de D. João de Castro não desdizia das outras residencias fidalgas da época, nem os seus creados deshonravam o nome do seu amo, antes pelo contrario; um dos que prenderam, valia se então do seguro da sua casa, por ter assassinado um soldado de posto, que, segundo elle affirmava, Manuel Miranda, irmão de Henrique Henriques, lhe mandara matar. Foram, portanto, estes *bravos* bem escolhidos para taes emprezas, e a tragedia nocturna do adro de S. Domingos augmentou-lhes decerto os creditos nas tavolagens e mancebias das villas da Alfama e da Mouraria.

Era verdadeira a accusação que a voz publica fazia ao conde de ser elle o mandante, e entrara tambem no assalto o D. João de Castro? Que estivessem, ou não, embuçados entre os de cavallo, que rodearam a liteira de D. Francisco de Lima, o que é certo é que o Mesquitella e o Castro fugiram para a fronteira do Minho, o que não fariam, se fossem innocentes.

As diligencias que continuavam, para elles serem presos, fizeram-os voltar para Lisboa, tão pouca segurança tinham nos logares, onde lá fôra se acotavam. Houve então noticia que estavam escondidos no Mosteiro de Belem, e o Regente mandou-o cercar por cavallaria e infantaria, «porque se não embarcassem na armada franceza, que sahira d'aquelle porto.» Isto se lê no livro que nos está informando d'estes pormenores, mas não nos parece justificado o receio allegado de que os dois fidalgos escolhessem os navios do rei de França, aliado e parente do regente D. Pedro, e amigo do assassinado, para fugirem ao castigo que os ameaçava, por terem morto um homem tão conhecido e estimado na côrte de Versailles. E' mais natural que, estando a esquadra franceza ancorada em frente de Belem, esse aparato militar tivesse por fim mostrar aos francezes o grande interesse que o regente tinha de haver ás mãos os criminosos.

Fosse, porém, o que fosse, não os prenderam, conseguindo embarcar com direcção á Italia. Fugindo ao captivo do regente, correram perigo de ficarem captivos ou mortos ás mãos dos turcos. Na passagem do Estreito encontraram duas naus d'elles com quem pelearam, logrando escapar-lhes, e aportando a Cadiz, já em tempo que nós tinhamos celebrado as pazes com Castella, que foram firmadas no Convento de S. Eloi, em 13 de fevereiro de 1668.

(Continúa)

Zacharias d'Ága.

NECROLOGIA



FRANCISCO DE LEMOS

FALLECIDO EM MAIO DE 1895

Attentai bem na fisionomia do velho adoravel que hoje *O Occidente* consagra, e ha trez mezes foi para a Bemaventurança gozar o premio das suas muitas virtudes

Que bella cara, que expressão, que olhar! Era o typo do velho Portugal, hoje quasi extincto; fidalgo, valente, nobre por todos os sentimentos, lendario por todas as proezas! Chamava-se Francisco de Lemos Ramalho d'Azeredo Coutinho, mas todos o conheciam por Francisco de Lemos, e melhor ainda pelo Lemos de Condeixa. Era uma tradição. Era uma reliquia.

Vimol o pela ultima vez ha 3 annos, sentado ao lado de Pinto Coelho, no banquete de 19 de Setembro, anniversario do Senhor Dom Miguel 2.^o. As suas grandes barbas de neve, summiavam-se pela mesa abaixo, os seus olhos insinuantes brilhavam cheios de enthusiasmo e fé. E nós relembravamos a sua historia toda de heroismos, fitando n'elle os olhares alegres de o vér.

Aos 15 annos, imberbe, pequeno como foi sempre, Francisco de Lemos fugiu da casa paterna e foi alistar-se n'um regimento de cavallaria, sem se dar a conhecer. Ao verem n'ó assim moço em extremo para tão ardua vida, tiveram no regimento reluctancia em admittil-o; mas como elle instasse, fizeram n'ó clarim!

Passados alguns dias porém, o commandante, Francisco de Lacerda Castello-Branco, viu na bagagem do rapaz uma condecoração, o que deu azo a que reconhecesse como seu parente o joven fidalgo, que foi feito cadete a breve trecho.

Poucos annos volvidos travou-se a guerra entre o Senhor Dom Miguel 1.^o e seu Irmão, tomando Francisco de Lemos o partido do Rei legitimo. Durante toda a campanha deu evidentes provas da sua bravura, e assim foi até Evora-Monte, donde assistiu á convenção.

Safu do seu Reino o Senhor Dom Miguel, e Francisco de Lemos, honrando a farda contra as suas convicções politicas vencidas, conservou-se no regimento em que se alistára. Era então alferes.

Passados mezes o Senhor Dom Pedro 4.^o revisitou o exercito; e assim, chegou um dia ao quartel de cavallaria, em Belem. Francisco de Lemos tomou o seu lugar serenamente; mas quando o Senhor Dom Pedro chegou, á voz do commandante de *desembainhar espadas*, cumpriu a ordem; acto continuo embainhou novamente a espada.

Vendo isto, o Monarcha mandou-o chamar e perguntou-lhe a razão do que praticára.

Francisco de Lemos, muito respeitosa, respondeu:

— Senhor, apresentei a espada ao Irmão de meu Rei; mas esta, que se desembainhou pelo Senhor Dom Miguel, não se desembainhará por mais ninguém!

Admirado de tanta ousadia, o Senhor Dom Pedro retrogiu:

— Mas sabe que commetteu uma grave insubordinação?

— Sei, meu Senhor; mas o que diria Vossa Magestade de um soldado que, sendo contrario ao Se-

nhor Dom Miguel, lhe dissesse a respeito de Vossa Magestade o mesmo, e fizesse o que eu fiz?!...

— Qual é então o seu desejo? Como posso tornar-me agradável ao Alferes?

— Mandando-me com baixa para minha casa.

— Pois sim, disse o Rei; e assim ordenou que se fizesse.

Este acto heroico deu a celebridade a Francisco de Lemos Ramalho. O Senhor Dom Pedro nunca pôde ser seu inimigo. E' como se impõe a lealdade de caracteres de aço puro, da tempera d'este.

Retirou Francisco de Lemos para a sua casa de Condeixa, e socegou por algum tempo; mas em 1846, quando a revolta do Minho explodiu, e o valente e honrado padre Casimiro tentou generalisar no paiz um movimento realista, Francisco de Lemos formou á sua custa uma guerrilha de 400 homens e tomou o seu commando. Quando marchava, porém, para o norte, a revolução estava já muito soffocada, e a guerrilha desmantelou-se, não sem dar tres pequenos combates em recontros com tropas cabralistas.

Volto então e definitivamente ao remaço dos seus penates. Era um homem de sociedade, um cavalleiro audaz, um valente. Um dia, estando a jogar n'uma tavolagem de Vizeu entre gente da sua plana, appareceu á porta o temido scelerado João Brandão.

Todos ficaram constringidos, mas ninguém se atrevia a expulsar o bandoleiro do gremio. Levantou-se então Francisco de Lemos e grita com energia:

— Sáia! Aqui não jogam os assassinos!

João Brandão lançou-lhe um olhar feroz, mas acobardou-se logo, ao ouvil-o repetir:

— Sáia, já disse!

E o assassino saiu, sem replicar.

Um dia passaram por Condeixa a Senhora D. Maria 2.^a e seu Eposo. Montou a cavallo Francisco de Lemos e foi sair-lhe ao caminho a cumprimental-o, e offerecer-lhe a sua casa.

Suas Magestades aceitaram. Entrando á sala, a a Senhora Dona Maria 2.^a mirou o grande retrato a oleo do tópo, e exclamou:

— Olhem, o tio Miguel!

A' hora do jantar, porém, Francisco de Lemos não appareceu, mandando a Rainha immediatamente convidal-o.

— Irei, respondeu elle ao camarista, se me consentem uma saude ao Senhor Dom Miguel; senão, desculpar-me hei de doente.

Foi, e fez o brinde ao Rei Proscripto.

Era assim, d'esta tempera!

D'antes, quando havia fé, crenças, ideaes, estes homens eram apontados, mas não raros. Hoje acabaram. A philosophia do livre pensamento e da *igualdade* deram conta de tudo que tinha cunho.

Resta Deus; Deus nos valerá!...

CARLOS SERTORIO.



BARÃO DE MASSARELLOS

FALLECIDO EM 16 DE JULHO DE 1895

Finou-se um dos vultos mais respeitaveis da classe commercial do Porto, um dos homens mais considerados da capital do norte pelo seu saber,

pela lucidez do seu espirito, pela sua honradez, e pela rectidão do seu caracter.

O barão de Massarellos era o prototypo do homem ideal. Muito lhano no seu tracto e simplicissimo nos seus habitos, trabalhou até morrer.

Alquebrado pelo pezo dos annos já seguia mui vagarosamente todos os dias para o labutar do seu escriptorio apoiado á sua bengala de canna da India, procurando illudir-se a si mesmo na idade.

Deixou de andar quando de todo em todo teve de parar.

Os serviços prestados ao commercio durante o tempo que occupou o logar de presidente da Associação Commercial do Porto foram valiosissimos conquistando por isso as sympathias de todos que pertenciam á sua classe.

Na cadeira presidencial d'aquella considerada agremiação, o seu rosto austero de suave olhar impunha-se ás assembleias, por vezes tumultuosas, que sempre lhe deram provas de acatamento e respeito.

Para se avaliar dos bons serviços que o finado titular prestára á praça do Porto, bastará dizer se que ao fundar-se a Associação Commercial do Porto, entrou logo como membro da direcção passando em 1837 a occupar o laborioso cargo de secretario, em 1850 foi eleito presidente e continuou desempenhando esse logar até 1859. Em 1886 foi de novo eleito presidente e em 1892 teve de solicitar a sua exoneração pois que as forças não lhe permitiam trabalhos tão violentos.

A assembleia geral praticou um acto de justiça conferindo-lhe anteriormente o diploma de presidente honorario.

Durante o largo periodo de perto de sessenta annos, esteve o barão de Massarellos sempre na brécha defendendo os interesses de todos os negociantes e lutando pela prosperidade do nosso paiz.

O venerando titular nascera em 1806 e labutou incessantemente até que aos 16 de julho d'este anno foi chamado ao descanso eterno.

Prestimoso cidadão e homem honrado era o epitaphio que o commercio portuense teria de gravar na sua pedra tumular, se n'este mundo de malquerenças e de ruins paixões se soubesse respeitar a gratidão, palavra tão vã como a espuma do mar, tão volátil como as espiraes de fumo d'um charuto.

E o barão de Massarellos, entrando para a vala commum, tinha jus a mais alguma coisa do commercio portuense além da homenagem respeitosa que lhe prestou assistindo aos seus funeraes...

Porto.

Alvaro de Mello.



Recebemos e agradecemos:

Mannuel Fernandes Villa Real e o seu processo na *Inquirição de Lisboa*. Lisboa, *Empresa do Occidente* 1894.

O nosso erudito collaborador sr. Ramos Coelho offereceu-nos um exemplar da edição especial que fizemos d'este seu magnifico trabalho de reabilitação historica, ao tempo da sua publicação no *OCCIDENTE*.

Aos nossos leitores, pois que já conhecem o citado estudo, nos limitamos a annunciar a edição especial e áquelles que o não conhecem indicamos a sua leitura como homenagem ao sabio e infatigavel academico portuguez.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1895

Está no prélo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

Recebem-se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente.

Empresa do «OCCIDENTE»

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37